

## VI SIMPÓSIO DE PROJETOS DO PPGEEB

### EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICA PEDAGÓGICAS DA EPM DILÔ BARBOSA NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS/ES.

FERRARI, Vanessa Nunes<sup>1</sup>  
LOCATELLI, Andrea Brandão<sup>2</sup>

#### Resumo

A Educação do Campo tem como compromisso educativo incluir, reconhecer e valorizar a realidade dos alunos, seus saberes, tradições e suas práticas culturais. Entendendo que o ensino precisa ser orgânico e contextualizado com a comunidade, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de realizar estudos que demonstrem a importância de diferenciar o ensino tradicional do ensino realizado nas escolas do campo. Objetiva-se com esse estudo compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas na EPM Dilô Barbosa, em São Mateus/ES e suas contribuições para valorização da cultura dos povos quilombolas. Busca-se investigar de que maneira os educadores da escola realizam suas práticas pedagógicas para que os conteúdos curriculares façam sentido e sejam conectados a realidade dos alunos, contribuindo para a valorização da cultura local. Para compreender o contexto histórico da educação no campo, utilizam-se as teorias de Caldart, enquanto as reflexões de Freire e Arroyo fundamentam a importância de um currículo baseado nas experiências e culturas dos educandos. Os estudos de Tardif serão usados para discutir os saberes docentes e a relevância do compartilhamento de experiências adquiridas na prática educativa. Este estudo adotará o método da pesquisa-ação colaborativa, que busca não apenas descrever e sistematizar as práticas pedagógicas, mas também busca envolver-se de forma colaborativa com a professora, escola e comunidade durante todo o processo. Os dados serão coletados por meio de observação participante, entrevista e roda de conversa a fim de contribuir para o aprimoramento e a implementação de novas práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Práticas pedagógicas. Cultura quilombola.

---

<sup>1</sup> Aluno (a) do Mestrado em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: vanessa.ferrari@edu.ufes.br

<sup>2</sup> Professor (a) do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: andrea.locatelli@ufes.br

## **Introdução**

A Educação NO/DO Campo ficou por muito tempo longe da realidade camponesa, inicialmente só homens brancos e ricos tinham acesso à Educação, após muitos anos houve a necessidade por parte da elite que essa parcela da população fosse alfabetizada e qualificada para atender as demandas que estavam surgindo no mercado. Assim sendo, começou a ser ofertada para estas populações camponesas um ensino tradicional a partir da ótica da elite.

Neste sentido, podemos compreender que as práticas pedagógicas estavam sendo realizadas desarticuladas com a cultura e realidade desses sujeitos. Esse cenário permaneceu por muitos anos, apenas no final da década de 90, com os sujeitos do campo organizados em movimentos sociais no Encontro de Educadores da Reforma Agrária, que começou a ser discutido uma educação que contemplasse a realidade camponesa, o que deu origem no ano de 2002 a primeira resolução que assegurasse esse direito.

Desse modo, podemos compreender que a Educação DO/NO Campo é uma modalidade de ensino bem recente, pensada e projetada com a participação dos povos do campo, onde pode ser compreendido que o ensino tradicional não daria conta de atender as demandas e especificidades das populações do campo. Esses avanços vem afirmando a importância de realizar práticas pedagógicas de modo que os conteúdos curriculares façam sentido e significado as realidades dos estudantes. Nesse sentido, buscamos através desta pesquisa, compreender a seguinte problemática: De que maneira os educadores da EPM “Dilô Barbosa”, do município de São Mateus, têm realizando suas práticas pedagógicas para que os conteúdos curriculares façam sentido e sejam conectados a realidade dos alunos, contribuindo para a valorização da cultura local?

Objetiva-se com esse estudo compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas e suas contribuições para valorização da cultura dos povos quilombolas na EPM Dilô Barbosa no município de São Mateus/ES. Para isso, primeiramente iremos identificar as perspectivas que normatizam práticas pedagógicas e a valorização da cultura quilombola. Posteriormente sistematizar as práticas pedagógicas que ocorrem na escola Dilô Barbosa sobre a valorização da cultura quilombola. E por fim, promover espaços de diálogo entre educadores e comunidade para compartilhamento de experiências e de práticas pedagógicas realizadas sobre a

cultura quilombola e verificar sugestões de como elas podem ser mais eficazmente integradas no contexto escolar

Segundo Tardif (2014), os conhecimentos baseados na experiência são ancorados na prática diária e na compreensão da realidade vivida. Ele ressalta a necessidade de os professores compartilharem esses saberes com outras áreas de produção de conhecimento para legitimar sua contribuição, além de defender uma parceria entre professores, grupos universitários e responsáveis pelo sistema educacional.

Contudo, essa pesquisa é necessária porque há uma necessidade de realizar estudos que mostrem a importância de distanciar e demarcar uma diferenciação clara entre o ensino tradicional e o ensino quilombola escolar realizado nas escolas do campo. Pois o ensino precisa ser orgânico com a comunidade, ou seja, precisa ser realizado a partir da realidade da localidade.

A presente pesquisa, para alcançar os objetivos propostos, optou-se em buscar metodologias que propusesse oportunizar maior aproximação com os sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como uma perspectiva colaborativa entre pesquisador, educador e comunidade. Sendo assim, a abordagem metodológica proposta será baseada em métodos qualitativos. Zanella diferencia o método quantitativo do qualitativo na seguinte maneira:

Enquanto o método quantitativo de pesquisa preocupa-se com a medição dos dados, o método qualitativo não emprega a teoria estatística para medir ou enumerar os fatos estudados. Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados. (Zanella, p.99, 2013).

Diante disso, esta metodologia foi selecionada devido à sua pertinência no contexto educacional, pois o objetivo dessa pesquisa vai além da análise quantitativos dos dados, ela se propõe interpretar os dados coletados permitindo a reflexão e interpretação dos significados presentes nas situações observadas ao longo da investigação, ou seja, seu foco está no processo, nas relações estabelecidas do contexto investigado.

A abrangência dessa pesquisa será uma escola do campo, em uma sala de aula multisseriada que atende estudantes do terceiro ao quinto ano do ensino fundamental anos iniciais, situada em uma comunidade quilombola, no interior do município de São Mateus. A unidade de análise, portanto, será a escola, envolvendo a comunidade, professores e alunos, para que a partir das questões de análise, tenhamos uma visão

mais abrangente no que tange às práticas pedagógicas realizadas e a sua relação com a cultura local.

Considerando que o objetivo dessa pesquisa vai além de uma descrição e sistematização das práticas pedagógicas realizadas, mas tenciona também de nos colocarmos de forma colaborativa com a professora, escola e comunidade durante todo o processo a fim de contribuir para o aprimoramento e de realização de novas práticas, optou-se pois em desenvolver uma pesquisa-ação. De acordo com Thiollent:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. [...] Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo (Thiollent, 1986, p.14-15).

Portanto, a metodologia da pesquisa-ação, delineada permite o pesquisador atuar de forma colaborativa e participativa, dando possibilidade de construir de forma dialógica juntamente com a escola ações que possam contribuir para que novas práticas pedagógicas possam ser desenvolvidas no cotidiano escolar, ou seja, fazer com e não para os professores.

Para conseguir atingir os objetivos traçados nesta pesquisa, a coleta dos dados serão organizadas a partir de quatro diferentes técnicas, sendo elas: (I) Análise de documentos relacionados a perspectivas que normatizam práticas pedagógicas e a valorização da cultura quilombola; (II) Observação participante na sala de aula e nos planejamentos da professora; (III) Realização de entrevistas semiestruturadas com a professora regente e pedagoga; (IV) Roda de conversa com os professores e membros da comunidade sobre as práticas pedagógicas realizadas.

A análise documental será realizada a fim de identificar através de documentos escritos que ainda não se encontra sistematizados perspectivas que normatizam práticas pedagógicas e a valorização da cultura quilombola no contexto escolar, como o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), Plano de Fortalecimento da Educação do Campo (PLAFEC) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de complementar as informações que serão coletadas pelas demais técnicas utilizadas. De acordo com (Gil, 2002, p.45), “a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”.

A observação participante será realizada em uma sala de aula multisseriada que atende estudantes do terceiro ao quinto ano do Ensino Fundamental anos iniciais e nos momentos de planejamento, durante o primeiro trimestre do ano letivo, a fim de observar os “saberes a serem ensinados” e o “saber-ensinar”, isto é, as práticas pedagógicas realizadas na perspectiva de valorizar e abordar a cultura quilombola.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.

[...] A observação participante consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. (Marconi; Lakatos, 2003, p.190-194).

Outra técnica que será realizada para coletarmos os dados será entrevistas semiestruturadas com a professora regente e a pedagoga da escola, que serão marcadas antecipadamente de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (Marconi; Lakatos, 2003, p.195). Desse modo, objetiva-se através das entrevistas verificar quais são os principais desafios e as estratégias utilizadas pelos professores, na inclusão da cultura quilombola nas práticas pedagógicas bem como as percepções sobre a sua importância das mesmas, na educação.

Já a roda de conversa será realizada a fim de promover espaços de diálogo entre educadores e comunidade para compartilhamento de experiências e de práticas pedagógicas realizadas sobre a cultura quilombola e verificar sugestões de como elas podem ser mais eficazmente integradas no contexto escolar. Para participar da roda de conversa será selecionados aproximadamente 7 pessoas, sendo; (3) professores da escola, (1) pedagoga, (1) líder da associação quilombola da comunidade, (2) pais que participam do conselho da escola.

A roda de conversa pode proporcionar através do diálogo a troca de saberes experienciais desenvolvidos no cotidiano escolar entre o pares, oportunizando a socialização, o pensar e repensar a suas práticas, podendo ser um momento de grande relevância para que, de forma colaborativa possamos desenvolver ações para que novas práticas possam ser construídas.

## **1 Desenvolvimento**

Ao fazermos uma análise histórica sobre as políticas públicas educacionais brasileiras relacionadas à educação para os povos do campo, podemos compreender que foi um processo lento onde as conquistas se deram através de muitas lutas, resistências dos camponeses organizados nos movimentos sociais, isso se fez necessário pois o direito a educação por muitos anos foi negado aos povos camponeses, inicialmente somente homens brancos e ricos tinham acesso à escola. De acordo com Arroyo (2011), isso se deu devido a construção de um imaginário eurocêntrico e excludente que, para os povos viverem e trabalharem no campo não eram necessários “muitas letras”, para estes povos, o único conhecimento que deveriam ter era os saberes necessários realizar o trabalho na terra.

Após muitos anos, a educação rural foi contemplada em uma constituição, sendo ofertada uma educação de cunho assistencialista. Essa educação rural foi ofertada com o objetivo de fixar o homem no campo, pensada e implementada sem a participação dos sujeitos do campo, desarticulada da realidade e cultura campesina.

Como respostas as limitações impostas pela educação rural surge a educação do campo articulada a luta coletiva dos movimentos sociais por terra e educação, a partir do acúmulo de experiências formativas acumuladas pelo coletivo de trabalhadores, especialmente o Movimento do Sem Terra (MST), com objetivo de construir um modelo de educação que dialogue e reflita a realidade que estão inseridos. De acordo com Arroyo (2011) os movimentos sociais vieram para colocar a educação rural no campo dos direitos, pois ao vincular a educação aos direitos estamos vinculando a educação aos sujeitos, e por sua vez a sua realidade e lutas.

Com base nesta visão, os sujeitos articulam-se através de movimentos sociais buscando uma educação que contestaria a educação rural ofertada que vinha sendo ofertada. De acordo com Caldart (2012), a Educação do Campo teve como o marco inicial o I Encontro de Educadores da Reforma Agrária (ENERA) realizada em 1997, e a Conferência Nacional de Educação do Campo (CNEC) que deu origem a resolução CNE/CEB nº1, de 3 de abril de 2002, garantindo aos sujeitos do campo uma educação que contemplasse suas vivências.

Contudo, com os camponeses organizados nos movimentos sociais houve a possibilidade de romper esse paradigma rural e a emergir assim, o paradigma da Educação do Campo, desenvolvendo projetos em prol de uma educação que venha

atender as necessidades e diversidades dos sujeitos do campo, com objetivo de formar pessoas comprometidas e responsáveis pela vida coletiva e emancipada. A educação do Campo, portanto, é luta e resistência.

Diante disso, Caldart (2011) corrobora que precisamos olhar o movimento social como um sujeito educativo, e por sua vez, o ambiente educativo escolar não pode ser pensado desarticulado dessa dinâmica social, pois o campo está em constante movimento, sendo assim, a escola que pensa uma educação a partir de uma perspectiva tradicional não tem lugar para os sujeitos do campo, visto que, suas práticas desconsidera toda sua realidade e seus saberes.

Assim, podemos compreender que a educação não é neutra possui uma intencionalidade, dependendo de como ela é pensada e projetada tanto pode contribuir para a humanização quanto para a alienação. Segundo Freire (1987) “enquanto a prática bancária, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade”

Vivemos em uma sociedade moderna burguesa, onde foi constituída uma “indústria cultural” que vai moldando a sociedade a partir dos seus interesses. Adorno (1995) acreditava que a sociedade contemporânea é caracterizada por uma cultura de massas e uma conformidade superficial, onde as pessoas são influenciadas por produtos culturais padronizados e ideologias dominantes, assim sendo, a educação tem o papel crucial de resistir a essa padronização, permitindo que os indivíduos pensem de forma independente e desafiem as estruturas do poder vigente. Como enfatiza Adorno:

Não há sentido para a educação na sociedade burguesa senão o resultante da crítica e da resistência à sociedade vigente responsável pela desumanização. A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não idêntico, o diferenciado. (ADORNO, 1995, p. 27)

Vivemos em um mundo capitalista onde tudo se transforma em mercadoria, inclusive a educação, neste sentido, a pedagogia tradicional é pensada dentro dessa mesma lógica, onde os sujeitos adquirem apenas o conhecimento para atender as demandas do mundo moderno globalizado. Diante disso, situações de exclusão, opressão começa a ser naturalizado, pois além de não terem reflexão crítica sobre a

realidade, acabam sendo alienados pelas ideologias que são postas pelos meios de comunicação e até mesmo pela Educação.

Desse modo, a educação no Campo tem como compromisso educativo incluir, reconhecer e valorizar a realidade dos alunos, seus saberes, tradições e suas práticas culturais, que foi por muito tempo inferiorizada pela classe dominante. Dessa forma, integrar esses conhecimentos ao currículo escolar contribui não apenas com o enriquecimento educacional, mas também promove a valorização da cultura e identidade local dos diferentes sujeitos.

Franco (2016) nos auxilia a entender a prática docente construída pedagogicamente da prática sem perspectiva pedagógica, conceituando a prática pedagógica como uma ação que surge a partir de dois movimentos; primeiro da reflexão crítica e segundo das intencionalidades que presidem suas próprias práticas, ou seja, uma ação consciente e participativa que vai além da transmissão de conteúdo, envolvendo no processo de ensino aprendizagem uma interação dinâmica entre teoria e prática, em permanente transformação, onde seu objetivo seja a formação e a humanização dos sujeitos.

Ainda nesta mesma perspectiva, de acordo com Freire (2019), a prática educativa “enquanto prática formadora” deve ser fundamentada no diálogo entre educador e educando, sendo assim, o professor ao ensinar deve ser um facilitador do conhecimento, estimulando a curiosidade, o questionamento e a reflexão dos alunos. Em vez de simplesmente transmitir informações, o educador deve promover uma interação dinâmica, na qual os alunos participam ativamente da construção do conhecimento.

Dessa forma, é relevante os educadores incluírem no processo de ensino-aprendizagem práticas pedagógicas voltadas para a valorização da cultura, pois ao compreender a cultura dos alunos como um ponto de partida para o aprendizado, os educadores criam possibilidades dos discentes de estabelecer relações entre os conteúdos curriculares e a sua própria realidade. Proporcionando desse modo, um ensino mais integrado onde os alunos podem relacionar o que estão aprendendo com suas próprias experiências e referências culturais.

Segundo Freire (2019), é importante que a educação esteja enraizada na realidade dos alunos. Os conteúdos curriculares devem ser relevantes para suas vidas e contextos, conectando-se com suas experiências e culturas. Diante dessa perspectiva, as práticas pedagógicas realizadas pelos educadores têm a função de ir



além do ensino de conteúdo, mas também o compromisso de promover o desenvolvimento humano integral, valorizando sua realidade cultural.

## **2 Considerações finais**

Espera-se que ao concluir a pesquisa intitulada “Educação do campo: Um olhar sobre as práticas pedagógicas da EPM Dilô Barbosa no município de São Mateus/ES”, localizada em uma comunidade remanescente quilombola, possamos reafirmar a importância de uma educação que valorize e integre a cultura local no processo de ensino-aprendizagem.

Através da pesquisa-ação, de forma participativa esperamos observar as práticas pedagógicas realizadas e promover novas práticas articuladas com a realidade dos povos do campo, propondo um ensino orgânico enraizado nas experiências e saberes da comunidade, respeitando e promovendo a valorização da cultura quilombola presente na comunidade. Objetivando que através dessas práticas pedagógicas possamos incorporar a cultura e realidade local no currículo, não apenas para enriquece o aprendizado, mas também para contribui com um ensino que faz sentido para suas vidas.

Por meio dessa pesquisa, procuraremos demarcar as especificidades presente na educação do campo, marcando um distanciamento do ensino quilombola realizado nas escolas do campo das práticas tradicionais, muitas vezes realizadas desarticuladas da realidade dos povos do campo.

Esperamos que a sistematização desses saberes experienciais também possam ser compartilhados, para que outros educadores, interessados em desenvolver práticas educacionais que respeitem e valorizem a diversidade cultural das comunidades do Campo, especialmente as comunidades quilombolas possam ter acesso a essas experiências e sirvam de base para se pensar em novas práticas a serem desenvolvidas.

## **Referências**

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**, Trad.Wolfgang Leo Maar, São Paulo, Paz e Terra, 1995.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez, *et al* (org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 65-86.

Brasil. Decreto Nº 7.352, de 4 novembro de 2010. **Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA**. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm). Acesso em 20 de junho de 2024.

CALDART, Roseli Salete. A Escola do Campo em Movimento. In: ARROYO, Miguel Gonzalez, *et al* (org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 87- 131.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete, *et al*. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 257- 265.

CALDART, Roseli Salete. Por Uma educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez, *et al* (org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 87- 131.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Revista brasileira de estudos pedagógicos, Brasília, v.97, n. 247, p.534-551, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq/>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 74ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo, Atlas, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17º ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia da pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da administração/UFSC, 2013.

## **Sobre as autoras**

### **Vanessa Nunes Ferrari**

[vanessa.ferrari@edu.ufes.br](mailto:vanessa.ferrari@edu.ufes.br)

Possui graduação em Educação do Campo-Habilitação em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2023) e graduação em História pela Universidade de Uberaba (2024). Especialização em História Contemporânea e História do Brasil pela Faculdade Multivix Serra. Mestranda em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santos/UFES.

### **Andrea Brandão Locatelli**

[andrea.locatelli@ufes.br](mailto:andrea.locatelli@ufes.br)

Graduação em Educação Física (1993), Mestrado (2007) e Doutorado (2012) em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Pesquisadora do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física/Proteoria/UFES; e professora na Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, com atuação na Graduação em Pedagogia e em Educação do Campo; e no Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica/PPGEEB. Pesquisa sobre Formação de Professores, Ensino, Práticas Pedagógicas e em Arquitetura Escolar.